

Capítulo 2

Januário Ladeira nunca voltará a se sentir tão autoconfiante e otimista como nestes primeiros dias no novo trabalho, subordinado ao Dr. Décio das listas telefônicas, protegido pela fumante dos carpetes rasgados, enriquecendo o vocabulário com o afugentador de moscas, tomando lições processuais do sempre ocupado Almir.

Ele chega mesmo a acreditar que esta será doravante a sua nova família, o seu círculo social, o seu time do coração, o seu partido político, a sua facção, o seu mundo, a sua igreja. O Setor de Dívida do Serviço de Esgoto oferece a ele um salário 50% menos aviltante do que o que recebia no emprego anterior, a Organização Contábil e Imobiliária Duas Pátrias S/C Ltda., que doravante passaremos a denominar apenas por *Duas Pátrias*. Está cheio de si: trata-se de um emprego conquistado graças aos seus esforços pessoais, ao seu mérito – e em 1986 não há progressista que critique a filosofia meritocrática que norteia um concurso. Dizem que a primeira seleção para preenchimento de cargos públicos ocorreu em 1937. Naquele ano, o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários realizou um concurso de abrangência nacional. Cinco mil candidatos disputaram os cargos de auxiliar administrativo, contador e secretária. É claro que sempre existe uma cota para os filhos nascidos na Vila Portuguesa, os cargos de confiança de assessores especiais dos secretários municipais e do prefeito. Mas para quem mora do lado esquerdo do Tijuco Verde e à direita do Córrego da Ratazana, na Rua da Lama, para conseguir ingressar no maravilhoso mundo do funcionalismo público e obter o título de auxiliar administrativo ou contábil, só mesmo por concurso.

Januário Ladeira foi aprovado num concurso público municipal ao qual se inscreveram mais de 30 pessoas para um único cargo de auxiliar contábil. Gabaritou em Língua Portuguesa (o que era de se esperar, já que trazia toda a experiência profissional adquirida com a clientela açoriana e madeirense da *Duas Pátrias*), datilografia e contabilidade. Errou uma questão de Matemática sobre conversão de número hexadecimal para a base 10. E, em Fundamentos de Biologia, não sabia o que era fauna sinantrópica, lacuna cultural vergonhosa que corrigiu rapidamente. No entanto, neste dia 29 de abril, já lhe podem perguntar qualquer coisa sobre essa instigante faceta dos estudos de zoologia voltada à observação de moscas, ratos, pombas e baratas. Enfim, nosso abnegado cientista acertou 28 de um total de 30 questões. Para se ter uma ideia, o 2º colocado acertou apenas 21!

Deixar o Sr. João Cabral e passar a obedecer ao Dr. Décio constituiu, para usar a linguagem da geração de dedos enfraquecidos por teclados de computador, um *upgrade*. Doravante Januário poderá formar uma coleção decente de discos, com LPs escolhidos a dedo e não mais apenas com pontas de estoque. No futuro, quem sabe, até terá condições de comprar um carro para passear com a sua futura esposa pelas cidades próximas a Tijuco Verde: um fim de semana nas praias de Orelha de Macaco, um almoço em Jerivá, turismo cultural em Ozimândia, visitar parentes distantes em Farinha Seca, tudo isso sem precisar de ônibus ou trem. Quando toda família estiver reunida — seus pais, seu irmão César, a cunhada desquitada e seus trigêmeos —, Januário fará uma longa digressão sobre sua ascensão profissional.

Mas ainda estamos no segundo dia de trabalho. Januário acorda antes das seis da manhã, extremamente bem-disposto. Após um banho rápido, coloca o terno de trabalho e vai direto para a Padaria Santa Cecília, ao lado da casa dos pais, que ainda estão dormindo. De pé diante do balcão da padaria, ele olha para o relógio do bar, pede ao Melquíades um copo americano de café de coador e apanha um jornal que alguém esqueceu no banco ao lado. Produtores rurais estão irritados com os índices de produtividade anunciados pelo INCRA para servirem de base para as desapropriações. Querem a cabeça do diretor do órgão e, de quebra, também do Ministro da Reforma Agrária. Confiam no Presidente José Sarney, que há de tomar as providências devidas. Uma nota na seção internacional fala de algum acidente ocorrido no sábado numa usina da Ucrânia. A agência Tass esclarece que não houve vítimas e as autoridades da Escandinávia não acreditam que a radiação represente perigo para a população. Informação sem importância, só para preencher o jornal. De Tijuco Verde que é bom, nenhuma notícia. Januário recoloca o jornal no banco, termina seu café e acende um cigarro. Olha novamente para o relógio na parede, ansioso para que chegue logo a hora de ir ao trabalho.

— Tá nervoso com o quê, Januário?

— Com nada, Melquíades. Só não quero atrasar no meu novo emprego.

— Pega a que horas?

— Nove.

— Controla essa ansiedade. Ainda faltam duas horas e meia.

Melquíades Belafonte conhece Januário Ladeira desde nenê. Certa vez, o pai de Januário ficou desconfiado de que o chapeiro tinha um caso com a esposa. Esfaqueou-o

no pescoço num dia em que chegou mais cedo em casa e o encontrou sozinho com ela. A mãe de Januário jurou que o moço da padaria só havia ido ao seu quarto para levar uns pãezinhos frescos, que ela gostava de comer deitada. Januário e César estavam ainda na escola. Melquíades foi levado de ambulância para o hospital e ficou vários dias no vai-não-vai. Chegou a ser considerado morto, mas após alguns minutos com o coração parado, ressuscitou, graças ao empenho de toda a equipe médica. Há, porém, quem diga que o milagre se operou graças a Janel Wislawa, uma misteriosa personagem tijucoverdense residente no ponto mais alto da cidade, isto é, sob uma torre de alta tensão no cume do Morro dos Canudos. Deixemos, porém, esta questão em suspenso por ora, para não acumular o capítulo de fatos aleatórios. O mais relevante é que, depois que recebeu alta, Melquíades e o pai de Januário acabaram ficando amigos. O chapeiro tornou-se, pode-se dizer, um tio adotivo de nosso contador.

Às seis horas e trinta e cinco minutos, Januário pede um segundo copo americano de café. No momento em que Melquíades entrega o pedido ao freguês, entra na padaria Joaquina, filha do chapeiro. Januário observa a garota se dirigindo ao pai dela. A inesperada aparição dessa personagem de sua infância provoca em Januário uma série de reflexões. Há quantos anos não a via? Será que ela ainda guarda a coleção de carteiras de cigarro que catava com ele nas calçadas dos pontos de ônibus? Então anota mentalmente: (1) Ele recebe o segundo copo de café; (2) Joaquina entra na padaria. Haverá alguma relação de causalidade entre esses dois atos? Joaquina, pensa ele, deve estar indo sozinha para a escola e veio apanhar o lanche para o recreio. É incrível ver como ela cresceu, ele ainda se lembra do tempo em que a menina não havia largado a chupeta.

— Bom dia, Joaquina — diz ele, resgatando um diálogo interrompido em 1967. — Como está indo na escola?

A menina não responde. Não deve ter ouvido. Só pode ter sido isso.

*
**

Januário paga a conta e decide ir a pé para o novo trabalho; basta atravessar para o outro lado do Córrego da Ratazana, subir a Rua George Harrison, pegar à direita na Avenida Coimbra e, depois, a Avenida do Progresso, sentido Centro. Não levará nem uma hora e será uma forma de economizar o dinheiro do ônibus e reduzir a ansiedade. Passa ao largo da *Duas Pátrias*, que fica na esquina da Rua Viana do Castelo com a Avenida

Coimbra, na área não privativa da Vila Portuguesa, e estranha o fato de que, não sendo nem sete horas da manhã, o trânsito está congestionado na Avenida do Progresso. Descobre que tudo se deve ao fato de que algumas chapas amassadas de metal e um monte de papéis sujos foram abandonadas na pista. Sua atenção logo se volta para os papéis, na verdade diversos livros muito interessantes. Agacha-se na calçada e começa a analisar os volumes disponíveis. Seu estado de conservação é precário: páginas manchadas de umidade, ácaros na lombada encardida, perfurações de caruncho atravessando o miolo, da capa à contracapa. Mas há ali verdadeiras preciosidades, como *Os Ratos* de Dyonélio Machado, *A Peste* de Alberto Camus e *Decameron* de Bocaccio. No momento em que começa a caçar seu tesouro, uma caminhonete sobe na guia e dela desce um rapaz desconhecido.

— Tio, essas chapas de ferro velho são suas?

— Por que a pergunta? — responde asperamente Januário, irritado com a informalidade no tratamento. — São *res derelicta*.

— Você vai querer elas?

— Só quero os livros. O resto pode ficar para você.

Januário, contudo, não sabe como levar os livros para casa. Está a pé e tem pressa para chegar logo ao trabalho.

— Se você quiser, posso levar e depois você pega eles comigo.

Ele ergue os olhos e vê um rapaz de, no máximo, uns 24 ou 25 anos de idade. Isso o faz reconsiderar o grau de irritação com sua abordagem impertinente. Se o cara tivesse até uns 12 anos, tudo bem tratá-lo por “tio”. Já devia ter desconfiado, afinal crianças de 12 anos não dirigem caminhonetes. Nesse caso, dois pontos negativos no balancete contábil das relações sociais. Por outro lado, o sujeito tenta ser gentil e se oferece a levar os livros. Será estupidez discutir por conta do “tio” e da inabilidade no uso de pronomes oblíquos, perdendo a chance de conseguir um transporte gratuito para seu tesouro. Na soma dos prós e dos contras, o resultado é zero.

— Quero sim, se não for incômodo. Não vou ter tempo de recolher isso tudo e levar para minha casa. O que você pretende fazer com essas chapas? São estantes de livros amassadas.

— São úteis para meu projeto — explica o sujeito, sorrindo, erguendo a mão para que Januário dê um tapa nela. — Prazer. Sou o Biriba. E você?

Januário não está acostumado com esses cumprimentos juvenis e prefere estender a mão formalmente, como devem fazer dois adultos ocidentais.

—Januário Ladeira. Cientista atuarial concursado.

Começam a colocar todo o material abandonado na caçamba da picape, um bem conservado Ford F-100 vermelho da década de 1960. É nesse momento que alguém, vindo da Rua Viana do Castelo, grita:

— Ó Januário, é o senhor mesmo em meio ao entulho? Está tudo bem consigo?

Como ele não atentou para isso? O encontro com seu ex-patrão português era previsível. Januário está a apenas um quarteirão do escritório onde zelou por três anos pelos interesses contábeis da comunidade açoriana e madeirense. A visão daquele homem traz à tona lembranças desagradáveis. Quantas fraudes trabalhistas cometidas pelo bem da clientela do Sr. João Cabral! A menor delas cobriria a reposição de todos os brucutus que colheu dos para-brisas de carros estacionados nas ruas da Vila Portuguesa, nos tempos em que ainda era aberta. Verdade. Acumulavam-se máculas ao longo de sua trajetória e Januário, que carregou aquele fardo de culpa gigantesco por tanto tempo, está decidido a nunca mais enveredar pelo mundo do crime. O Setor de Dívidas do Serviço de Esgoto é o marco divisório de sua vida e aquele português é o porteiro do submundo do qual conseguiu se libertar.

— Bom dia, Sr. Cabral. Tudo tranquilo — responde laconicamente.

O trânsito agora voltou a fluir. O português vem ao encontro dos dois. Cumprimenta o Biriba com um tapinha no ombro e, puxando o ex-empregado de lado, sussurra:

— Por que estás a recolher lixo da rua? Isso não cai bem a pessoa tão diplomada!

— Não é lixo — explica Januário, rindo da ignorância do ex-patrão. — São preciosidades. Quem os deitou fora não devia ter noção de sua qualidade literária. Veja só esta edição d'*A Ratazana* de Günter Grass. E este, *Seminário dos Ratos*, são contos da Lygia Fagundes Telles. Apesar de seu estado relativamente precário, são livros que sempre quis ter em minha estante!

O Sr. Cabral, com uma sincera expressão de desconsolo, dirige-se ao caminhoneiro:

— Biriba, não incentive esse tipo de coisas. Este jovem é um cientista com um futuro promissor.

— Ah, seu Cabral, cada um sabe da sua vida.

— Vocês são amigos, convença esse sujeito — insiste o empreendedor português.

Biriba explica que os dois estão se conhecendo agora e que Januário deve saber do valor dos livros melhor do que eles. O abnegado cientista gosta da resposta e resolve interagir.

— Como é que vocês se conhecem?

— Quem não conhece o Sr. Cabral? — pergunta Biriba, risonho. — Ele está sempre pechinchando lá na oficina.

— A elite em nosso bairro é uma casquinha de noz! E dinheiro não dá em árvores. Para desamassar um para-lama, outro dia esse rapaz aí queria cobrar o preço de um novo — afirma o Sr. Cabral.

A julgar pela forma como morde a ponta do cigarro no canto da boca, Biriba não deve estar gostando muito do comentário do morruga. No entanto, limita-se a encolher os ombros e volta a ajeitar as chapas de metal na carroceria de seu caminhãozinho, fazendo que não havia prestado atenção. Voltando-se para Januário, o Sr. Cabral pergunta:

— E os seus pais, doutor?

— Que têm eles?

— Eles vão deixar que esses livros imundos entrem em sua casa?

A pergunta tem o condão de alterar a bonomia de Januário. Com o rosto afogueado, baixa a voz em três semitons (reiteramos, se não entenderem, não se preocupem com esta terminologia musical):

— No dia em que meus pais opuserem algum obstáculo a que eu amplie a minha biblioteca, eu me mudo imediatamente. Não tenha dúvida.

— Mude-se não, doutor. Que bobagem... Trocar a família por entulho! Ademais, onde pensa que iria morar?

— Meu novo emprego, Sr. Cabral, garante o meu sustento — replica, dando uma indireta sobre o salário de fome pago por aquele português, que nunca acreditou em seu potencial quando Januário se encontrava sob o seu jugo. Jovem cientista com um futuro promissor... Pois sim!

Como era previsível, o Sr. João Cabral não veste a carapuça e prossegue desfiando conceitos rudes, incapaz de distinguir resíduo sólido de Literatura. A conversa acaba se estendendo mais do que o esperado e, quando olha para o relógio, Januário constata que já são oito horas. Biriba anota numa folha de papel o seu endereço e telefone e o entrega ao guarda-livros do Serviço de Esgoto:

— Passe lá quando tiver tempo. Os seus livros não ocupam muito espaço na minha oficina — diz o prestativo rapaz, com um sorriso a um só tempo sincero e assustador.

Os três se despedem e o funcionário público caminha apressadamente para o SDSE, refletindo sobre as lembranças de ontem. Teria o Dr. Décio Linhares feito mesmo aquela piada ríspida e pueril sobre o dromedário ou ele havia imaginado aquilo? Pedira de fato que ele localizasse uma cárie em seus dentes? Até a sua resposta parecia inverossímil. Quem é que diz algo como “*sou jejuno em odontologia*”?

Quando se passarem muitos anos deste dia, talvez a sua memória insista nessa versão, mas isso porque acostumou-se com o que está escrito neste livro, da mesma forma que muitas vezes supomos nos lembrar de um passeio há trinta anos, mas estamos apenas nos lembrando das fotos já vistas dezenas de vezes no álbum de retratos. No entanto, o fato de nem mesmo o protagonista deste romance considerar verossímil aquele diálogo, não o torna menos real do ponto de vista literário. Está impresso nas folhas de papel e, assim, temos que aceitá-lo, sem precisarmos recorrer à desculpa de que esta seria mais uma peça pregada pelo hipocampo inflamado. Januário, porém, volta a ficar inseguro com relação ao andamento da trama. Se as cenas dos primeiros dias no novo emprego estão sendo descritas desta forma, pensa ele, talvez seja apenas pela incapacidade de imaginar como terá sido a realidade na REALIDADE. É por isso que ele volta àquelas inquietações do capítulo um. Afinal, pondera, se o tempo é relativo, o espaço também é, os olhares, as recordações, tudo. Seu erro está no fato dele não perceber que é impossível conciliar o verbo *imaginar* com o substantivo abstrato *realidade*.



Um dos grandes temas debatidos na casa da família Ladeira sempre foi a Teoria da Relatividade. Januário se lembra de quando seu pai que, além de caminhoneiro, era um dos maiores entusiastas do estudo de Física Quântica em Tijuco Verde, enveredava em especulações animadas sobre o significado da célebre equação $E = MC^2$, isto é, a energia é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz.

— Mas não se deixem enganar com a simplicidade da fórmula, filhos. Por detrás da letra "C" está outra fórmula, 300 mil quilômetros por segundo ao quadrado! Vocês conseguem imaginar o que é isso, filhos? Quando descemos a serra para passar o dia na

praia em Orelha de Macaco, nosso caminhão anda a 35 quilômetros por hora. Se andasse a 35 quilômetros por segundo, chegaríamos em menos de dois segundos na praia.

Pessoalmente, Januário achava a ideia divertida, mas a sua cabeça de criança ficava só pensando como é que luz pode ter velocidade. Carro, avião, foguete, cavalo, gente, tudo isso pode voar, sair correndo. Mas luz? Luz você acende e apaga, só serve para você enxergar, não anda. Além disso, se um caminhão correr tudo aquilo, imagine só a brechada que terão que dar para que ele não avance pelo mar. Mesmo se o nível do Oceano Atlântico estiver 140 metros mais rebaixado do que aquando da introdução das Ciências Atuariais no Piauí, as rodas irão ricochetear na água e o caminhão chegará à África ainda em alta velocidade. Seu pai complicava ainda mais a conversa:

— Se a gente alterar a ordem dos elementos da equação, vai chegar à conclusão de que a massa é igual à energia dividida pelo quadrado da velocidade da luz. Ou seja, o tamanho das coisas é relativo.

— O que quer dizer relativo, pai?

César sempre fez as perguntas sobre as coisas que Januário fingia haver entendido, para não pensarem que ele era burro. Queria muito que o irmão também perguntasse a que massa seu pai se referia. Macarrão? Massa de modelar?

— Filho, "relativo" significa que não é absoluto. Que a gente pensa que é de um jeito só porque a gente está associando a outra coisa. Por exemplo, sua mãe é mais inteligente em relação a mim, eu sou mais bonito em relação ao Albert Einstein. Ou seja, os conceitos de inteligência e beleza são relativos. E é assim também com o tempo, com a massa, com as distâncias. Quando você tem cinco anos de idade, sempre acha que o coleguinha de oito anos é velho. Quando tem vinte e cinco, acha que o de oito é uma criança e o de quarenta um idoso. Nessa equação que relaciona massa, energia e movimento, a única constante é a velocidade da luz. O tempo é relativo, entendeu?

Para ilustrar a lição, colocou um disco de Adoniran Barbosa na vitrolinha:

*Num relógio é quatro e vinte,
no outro é quatro e meia.
É que de um relógio pra outro
as horas vareia.*

Graças às lições de Teoria da Relatividade, a canção "Tocar na banda" adquiria um novo significado na cabeça dos meninos da Rua da Lama. Aliás, não apenas essa canção, todo o repertório de Adoniran.



Após esta breve digressão, retomemos a narrativa de segundo dia de trabalho de Januário. Como hão de se lembrar, ele acabou despendendo um bom tempo da manhã no resgate de excelentes livros amontoados no meio da rua e conversando com o Sr. João Cabral e com seu futuro amigo Biriba. Quando dá pelas horas, sai às pressas, pois tem apenas vinte minutos para entrar neste prédio de 12 andares do Serviço Municipal de Esgoto de Tijuco Verde, subir para o 2º andar, onde fica o Setor de Dívidas e bater o cartão de ponto. Imagine só chegar atrasado naquele que é, na prática, o primeiro dia de trabalho pra valer, já que a véspera foi reservada apenas para apresentações.

Chega esbaforido na SDSE às 08:56, com as mãos encardidas ainda dos livros que havia manuseado. Sua colega Andréa Albuñuelas, que até então ele relacionava apenas com o aviso do carpete rasgado, está de pé, ao lado do relógio de ponto, bebendo café açucarado num copinho plástico e fumando um cigarro.

— Besteira vir assim como um desesperado — explica ela. — Se chegou fora do horário regulamentar, relaxe as tensões e goze a alegria de viver. Quer um cigarro?

— Não, obrigado. Mas o horário de entrada não é às nove horas? No relógio de ponto ainda faltam três minutos.

— Em algumas regiões do planeta, sim... É meio complicado explicar para quem acaba de entrar no setor.

Januário bate o ponto assim mesmo (08:57), achando que aquilo é apenas uma brincadeira da nova colega com o calouro. Caminham lado a lado pela sala. O chefe, com a cabeça voltada para o Diário Oficial aberto sobre sua mesa, apenas olha de soslaio para ele e depois, chacoalhando o pulso esquerdo, conferindo o seu relógio.

O contador fica de sobreaviso em sua mesa até o meio-dia, sem nada para fazer, pois na época que estamos falando não há ainda telefone celular nem game de Tétris, o que sempre é um santo remédio para estas situações. Assim, ele abre uma caixinha de papelão encontrada em sua gaveta e resolve fazer uma corrente, encadeando os clips. Sua cabeça está totalmente voltada ao novo lote de livros que em breve irá buscar na casa do solícito Biriba.

Tem hora que ele fita a Andréa. Talvez ela esteja se apaixonando por ele, talvez não. Seu aspecto físico? Não é exatamente bonita, mas tampouco é feia. Seus cabelos têm uma

coloração meio indefinida, algo mais para o loiro, mas bem poderia passar-se por ruiva ou morena. Sua estatura é próxima à da maioria das funcionárias públicas de Tijuco Verde, isto é, para quem é mais baixo do que ela, ela pode parecer alta, o que não quer dizer que para, digamos, um jogador profissional de basquete (ou mesmo um amador), ela pareça baixinha. Essa é a verdade, Andréa não é baixinha a ponto de ser automaticamente eliminada da escalação de um time de volleyball, mas a estatura tampouco garante que ela seja convocada pelo técnico. Se é charmosa? Charme é sempre relacionado com situação financeira. Caso tivesse dinheiro para gastar com corte de cabelo, maquiagem, cuidados com a pele, clareamento dos dentes, roupas caras, facilmente passaria por uma pessoa charmosa. Certo, estamos aqui trazendo à baila a velha questão da luta de classes. Os padrões de estética corporal estão diretamente relacionados ao poderio econômico. Mas chega, não vamos ficar por horas fazendo a descrição física dos personagens que fizeram parte da vida de Januário Ladeira nos anos de 1986 e 1987. Seria enfadonho obedecer aos cânones da literatura, ficar um capítulo inteiro falando sobre os olhos de Aurélia, de Lucíola ou de Diva.

O Dr. Rui, amigo do César Ladeira, é formado em Medicina Psiquiátrica e vive dizendo que Januário é um rebelde, não suporta obedecer, ser subordinado a quem quer que seja. É verdade. O rapaz não gosta de certezas, de absolutos, de constantes universais. Por que a luz não pode correr mais do que 300 mil quilômetros por segundo? Por que teria ele que ouvir as heresias que seu ex-patrão português comete no campo da Literatura? Por que precisa engolir aquela baboseira do relógio de ponto desregulado, que será exposta ainda neste emocionante capítulo?

Ele afasta os olhos de Andréa e passa a observar o Sr. Almir Blatta. Dentre todos os novos colegas, é o mais intrigante. Que ritmo de produção, meu Deus! Não são ainda nem dez horas da manhã e o homem já está descabelado, redigindo ofícios e cartas para devedores. Almir estuda Direito e sonha em tornar-se um autêntico processualista, seja lá o que for isso. Senta-se uma mesa à frente do Sr. Geraldo Moustique, que lhe parece meio louco. Bom, isso pode ser um preconceito de Januário, só porque o sujeito tem esse cacoete de espantar insetos invisíveis à sua frente. Quem sabe aquilo não é apenas um descolamento do vítreo? Quem é jejuno em Oftalmologia, pode muito bem achar que moscas volantes são reais.

Até agora, ele nada sabe do estado civil de seus colegas, a não ser do Dr. Linhares, cuja esposa, uma paranaense de 1m85 chamada D. Glaisy, passou três vezes ontem na

repartição e, nesta manhã, mais duas, para checar se o marido não deu uma escapulida. D. Glaisy trata o chefe do Setor de Dívida com rédeas curtas, sabe-se lá o que ele já andou aprontando.

Sobressalta-se quando o Dr. Linhares o chama. Derruba cinco metros de clips no chão. Rapidamente recolhe a corrente e se apresenta diante da mesa a 45 graus do canto da sala.

— Pois não, Seu Palhares.

Dr. Linhares, sentado sobre a lista telefônica, mede-o da cabeça aos pés com os seus olhos azuis, respira fundo, solta o ar e, depois de um silêncio que dura pelo menos uns dois minutos, diz entre dentes:

— Em primeiro lugar, meu nome é Décio Linhares e não Palhares. Em segundo lugar, não sou “seu”. Sou formado em Direito e, assim, você deve me chamar de Doutor Linhares. Agora vá à sua mesa e volte para cá, apresentando-se adequadamente, quando eu o chamar.

Extremamente constrangido com a gafe, Januário obedece.

— Sr. Januário, por favor — volta a chamar o Dr. Décio.

O funcionário refaz o mesmo caminho e corrige sua apresentação:

— Pois não, Doutor Linhares.

— Melhorou um pouco. Januário Ladeira. É esse o seu nome, não é mesmo? Formado em Ciências *Autuariais*. Você é daquele tipo concursário, não vai parar aqui. Já deve estar à caça de outro concurso público.

Januário nega. Diz que sempre sonhou em ser funcionário da SDSE, que dá graças a Deus por ter deixado o escritório do Sr. João Cabral, onde por anos trabalhou a troco de chouriço, migas e couve tronchuda, calculando os valores a serem preenchidos nos recibos de quitação geral dos empregados dos clientes da comunidade açoriana e madeirense — recibos que eram pré-assinados pelos pretendentes a emprego, no ato de admissão.

— O senhor chegou oito minutos atrasado hoje.

— Desculpe-me, mas cheguei às oito e cinquenta e sete.

— Oito e cinquenta e sete apenas no relógio de ponto, que está sempre errado. Já eram nove e oito. Veja a qualidade do meu relógio. Já ouviu falar na marca Rolex? O que acha dele? Bem que você gostaria de ter um pra você, não é Sr. Januário?

Sem saber o que dizer, o novato murmura com um pouco de medo:

— Sim, doutor Linhares.

O homem abre um sorriso enorme.

— Então, Sr. Januário, ouça o que vou lhe contar.

E Décio Linhares começa a contar a história de sua vida:

— Desde a infância, meu maior sonho era tornar-me um grande causídico e brilhar nos tribunais do júri, a exemplo do grande Adriano Marrey. Graduei-me em Direito por uma faculdade magnífica. Não se compara com as de Tijuco Verde ou de Jerivá. Fica em Chumbinho. Já foi pra lá? Devia. Tem uma padaria num bairro chamado de Vila Socialista que vende uma coalhada inigualável. Pois bem, foi lá na Faculdade de Direito de Chumbinho que obtive os conhecimentos necessários para ser aprovado em um concurso similar ao seu. Só que tem uma diferença: isto foi há cinco anos. Naquele tempo, Sr. Januário, os exames eram muito mais difíceis do que esse que o senhor prestou. Aqui, no Serviço de Esgoto, em pouco tempo, galguei todos os possíveis degraus na carreira e agora sou o Diretor da Seção de Dívida do Serviço de Esgoto. Quem sabe, Sr. Januário, se o senhor seguir o meu exemplo, um dia também possa ter um Rolex como o meu. Enquanto isso não acontece, a alternativa é ver as horas pelo relógio de ponto e conformar-se com o fato de que terá apenas uma noção aproximada do horário correto. Por isso, lamento que tenha chegado atrasado já no segundo dia de trabalho. Fique ciente de que não foi assim que iniciei minha carreira aqui.

Januário não é bobo, tem certeza de que aquela censura que ele faz é por conta da gafe, errando o seu nome e o pronome de tratamento — uma falha imperdoável partindo de alguém que, horas antes, havia se aborrecido profundamente com o fato de um desconhecido quase de sua idade tratá-lo por “tio”.

Uma chamada telefônica providencial provoca a interrupção momentânea do sermão. Com a mão direita, Dr. Linhares gesticula para que o funcionário se afaste. Ele vai instintivamente à mesa da Andréa. Escolheu-a para ser sua melhor amiga. Explica a ela o que aconteceu. Andréa o orienta:

— Não disse que você estava atrasado? Mas tem um jeito de resolver. Invente uma história triste que o coração do Linhares amolece.

Uma história triste? Se, tranquilamente sentado diante da máquina de escrever em seu quarto, seu hipocampo inflamado não permitia que ele redigisse seu romance (obrigando-nos a escrevê-lo com este narrador onisciente em terceira pessoa), como é que ele conseguirá criar uma história em tão pouco tempo, de pé, oralmente? A pesquisa arqueológica na Avenida Coimbra, em busca de seu tesouro bibliográfico, nada teve de

trágica. Dizer que havia se atrasado, logo no segundo dia de trabalho, porque estava catando livros sujos na rua, irá deixá-lo em apuros, quando não em palpos de aranha.

— Seu Januário, pode voltar aqui. Vamos continuar nossa conversa — determina o Dr. Linhares.

É então, no lapso de tempo despendido pelos oito passos que separam a mesa de Andréa à de seu chefe, que faz a besteira de inventar uma história comovente. Uma mentira. Uma deliberada descrição falsa da REALIDADE. Uma assertiva que se tornará profética, mas que neste momento lhe parece genial.



Se os jovens me permitem o conselho, jamais adulterem os dados científicos, mesmo que, num balanço contábil perfunctório, isso pareça à primeira vista lucrativo. A revelação que faremos agora é muito dolorosa para nosso herói, principalmente porque ele será julgado por árbitros que sequer eram nascidos em 1986. Por isso, pedimos um distanciamento crítico, lembrando que este é um livro de ficção e os tempos atuais são de raciocínios profundos em 140 caracteres. Não julguem pelos padrões de 2022, pois há 36 anos, contar uma mentira não era apenas o exercício do inalienável direito político de destruir reputações e democracias.

Como preleciona Jeremy Bentham em seus *Princípios da Moral e da Legislação*, *um motivo só pode com certeza e propriedade de linguagem ser qualificado bom ou mau com referência aos seus efeitos em cada caso individual, e sobretudo a partir da intenção que deriva do respectivo motivo, da qual nasce. Um motivo é bom, quando a intenção que dele se origina é boa, e é mau, quando a intenção que dele se origina é má; e uma intenção é boa ou má, segundo as consequências materiais que constituem seu objeto.* A intenção de Januário Ladeira é de livrar-se das penalidades administrativas decorrentes de um alegado atraso na entrada do trabalho. Por esse motivo, ele está na iminência de contar uma história, sem saber quais serão as consequências metafísicas dessa mentira.

Reflitamos sobre certos costumes muito anteriores ao nascimento de todos os personagens deste livro, um tempo em que as famílias se reuniam num ritual sagrado ao redor de um candelabro e liam as páginas de *Los cuatro de Amadís de Gaula*, quando não *Las sergas de Espladián*, *Amadís de Grecia*, *Don Olivante de Laura*, *Jardín de Flores*, *Florismarte de Hircania*, *El caballero Platir*, *El caballero de la Cruz* ou ainda o *Espejo*

de caballarias. O motivo que os levava a ler era o tédio, a intenção era de afastá-lo, mas os malefícios causados por tais leituras coletivas foram, como Cervantes o demonstra, de monta, sobretudo no que diz respeito à produção de farinha na região da Mancha.

Ou então pensemos na *golden age* da TV Globo, com as novelas *Minha Doce Namorada*, *Selva de Pedra* e *Meu Primeiro Amor*. Não se sabia, na época, que aqueles produtos televisivos provocariam a ascensão de atores ou atrizes à condição de Secretários Especiais da Cultura (*Cultura* entendida como setor do Ministério do Turismo). A narrativa de ficção hoje é guindada à condição de realidade, para que não falte leite condensado na côdea de pão matinal, mesmo nas residências dos diabéticos.

Seria, por isso, uma bobagem perguntarmos, leitora ou leitor, se você se define como ouvinte ou como falante, se prefere ler ou escrever, se quer controlar sua própria locução ou admite a interlocução. Você, como eu, narrador, autor implícito ou real, somos seres históricos. Não agimos como as abelhas ou as formigas, fazemos o que o mercado determina — e o mercado não está interessado em diálogos que revertam apenas em consumo de tempo. O importante é consumir produtos oferecidos pela Amazon (mesmo que metaversais). Fato é que, para que o público não abandone a leitura, poderemos imprimir à escrita um ritmo alucinante, não tergiversar, nem sequer comentar que em 1986 as pessoas votam em partidos como PMDB, PFL, PT, PDT. Ou então que faltam e justificam o voto para não magoar um amigo que trabalha como cabo eleitoral de um candidato do PDS. Quem viveu os tempos de Januário Ladeira e Benedito Montana conheceu situações medonhas, horrores que as gerações atuais nunca entenderão. Por isso, vocês têm o direito de fechar este livro e atirá-lo num monte da Avenida do Progresso, mas não têm o direito de julgar nosso protagonista. Fechem o livro, esta será a sentença de morte de todas as personagens, porque podemos até falar a língua dos homens e dos anjos mas, sem leitores, as letras deitadas nesta folha de papel não passarão de rabiscos indecifráveis, comida para cupins, carunchos e ácaros.

É verdade que poderíamos escrever livros de gôndolas de supermercados à beira das estradas, dignos de figurar ao lado de Augusto Cury e Dan Brown, Imaginem *A Igreja do Gigante Azul* em destaque ao lado d'*A Sutil Arte De Ligar O F*da-Se* ou de *Uma Breve História da Humanidade*. Afinal, há certos livros que são importantes para você citar no almoço do trabalho. Mas não existe uma gôndola de posto de gasolina, aeroporto ou rodoviária que exponha a cristalização do tempo de Januário Ladeira.

Pagamos pelo mal que fizemos tantas vezes. Quantos livros você abriu em sua vida e leu só as primeiras páginas? Não nos referimos a dicionários e livros técnicos. Normal, por exemplo, que uma pessoa interessada apenas em Música, diante de um clássico como *Contabilidade Introdutória* de Sérgio de Iudicibus, comece a devanear depois de uma leitura contínua de cem páginas, só pensando nos pentagramas do *Pianista Virtuoso* do Hanon. Raras são as pessoas que amam simultaneamente um sistema de partidas dobradas e um bom exercício para fortalecimento de falanges, falanginhas e falangetas.

O próprio Januário Ladeira confessa que já abandonou a leitura de alguns livros quando não faltavam mais do que dez páginas para concluí-los. Por exemplo: *Quarup* de Antônio Callado; *O Guia do Mochileiro das Galáxias* de Douglas Adams; *Os Irmãos Karamazov* de Fiodor Dostoievski; *Guerra e Paz* de Leão Tolstói... E para aqui a nosso pedido, pois está sendo verborrágico.

Às vezes abandonamos as leituras porque nos esquecemos que tínhamos começado a ler. Outras vezes, desistimos de ler porque a narrativa é simplória, as personagens não passam de caricaturas e as situações são de uma comicidade fácil e vulgar. No caso presente, quem deveria estar contando a história era o próprio protagonista, em primeira pessoa. Se não aceitou tal incumbência, isso se deve à sua insensibilidade para compreender as angústias, os sonhos, as contradições enfrentadas pelas pessoas à sua volta. Afinal, nada mais fácil do que apagar nuances e estigmatizar aqueles a quem não se quer bem.

Pensem no Sr. João Cabral, aquele ex-patrão, dono de escritório de contabilidade e imobiliária, aparentemente autoritário e ignorante. Januário jamais conseguiu pensar nele como um ser humano complexo. Ainda que ele acrescentasse o depoimento de outros funcionários da *Duas Pátrias*, tentando dar-lhe maior consistência psicológica, o Sr. Cabral continuaria a ser uma caricatura. Januário poderia falar da forma como ele demitiu Lina Smrz, uma garota tcheca muito atenciosa que trabalhou com ele por uns dois meses mais ou menos. Não tinha jeito para a coisa. Ele mesmo havia alertado o Sr. Cabral de que a garota utilizava métodos toscos para adulterar livros contábeis: raspava as anotações com gilete, mesmo tendo o jovem contador sugerido que passasse cuidadosamente um cotonete com cândida sobre as letrinhas (claro, isso na hipótese de haver sido feita a escrituração com caneta tinteiro, pois cândida não apaga Bic). No entanto, o morruga a demitiu por um motivo mesquinho, ao flagrá-la treinando datilografia no horário de almoço e gastando papel velho e fita da máquina de escrever. Isso acrescenta densidade

psicológica nessa personagem? Absolutamente não. Os leitores continuarão sem saber quais eram seus sentimentos, o que levava aquele senhor português a agir daquela forma, quem eram seus pais e avós ou se, à noite, ele sonhava com ovelhas elétricas. Tipos como ele são para lá de encontrados em nossa sociedade. Sabemos que o homem dava aos livros o tratamento de adornos: comprava blocos de isopor simulando luxuosas coleções de lombada dourada para enfeitar as estantes do escritório, impondo respeito a quem entrasse na *Duas Pátrias* pela primeira vez. Não é que ele não gostasse de boa literatura, desde que ela viesse em capa dura e com letras douradas. Livros velhos, sujos, jamais!

O Dr. Linhares, Januário começava a conhecer agora. Já sabia pela Andréa que ele gostava dos *Greatest Hits* de Richard Clayderman, ouvia-os no toca-discos de sua casa para impressionar as visitas com seus conhecimentos sobre o que ele chamava música semi-clássica. E o que mais sabia dele? Que tinha uma esposa ciumenta? Que havia se formado em Direito numa faculdade em Chumbinho, a 200 quilômetros de Farinha Seca? Que era baixinho e sentava-se sobre uma lista telefônica para parecer mais alto? Que usava relógio chique? Juntando todos esses detalhes, ele não tinha nenhum ser humano de verdade à sua frente. Mas isso ele pensa agora, com a cara na calçada imunda diante do Hotel Bariloche, porque em 1986 esses elementos são mais do que suficientes para que ele julgue peremptoriamente quem é esse homem, o seu mais perigoso adversário no SDSE.

A verdade é que ao longo de sua vida, Januário vê apenas tipos e caricaturas. Essa realidade lhe dá sonolência e qualquer tentativa de compreendê-la derruba-o num estado de transe letárgico. Não precisa do diagnóstico do Dr. Rui, o médico psiquiatra amigo de seu irmão César, para saber que isso tudo é seqüela dos supositórios veterinários do Benedito Montana.

Mas temos que prosseguir, embora correndo o risco de ver o número de leitores minguando a cada página. Até porque ainda estamos falando do segundo dia de trabalho no Serviço de Esgoto de Tijuco Verde e a história vai durar mais de um ano. Continuaremos a escrever enquanto tivermos pelo menos dez interessados pelo romance. Vai lá, cinco. Menos do que isso, desistiremos. Januário Ladeira é um cientista atuarial sério e responsável, não vai querer que um ano de sua vida fique encalhado nos sebos de Tijuco Verde ou Orelha de Macaco. A vida é curta e ninguém com um mínimo de bom senso contábil irá dedicar-se à leitura de um livro novo se não souber que a obra é mais interessante do que o *Ulisses* do Joyce, que só li até a página 785. Bem ou mal, estamos

conseguindo avançar na história. E se estamos tendo êxito na escrita, vocês também lerão sem sofrimento, pois ler é algo passivo, muito menos trabalhoso.

*
**

Antes de termos dado início a esta digressão, um telefonema providencial havia interrompido a advertência que Januário estava prestes a receber por haver chegado atrasado ao trabalho e errado o nome do seu chefe. Nesse interim, conversou com a Andréa e ela lhe repassou dicas importantes para acalmar a fera.

Enquanto caminha em direção ao Dr. Décio Linhares, pensa em como foi importante trocar o acaso que representava seu emprego com o Sr. Cabral pela segurança de um salário fixo. Módico, é verdade, mas fixo. Todo o quinto dia útil do mês receberá seu dinheiro — e nominalmente nunca será menos do que o recebido no mês anterior. Por dois anos estará submetido ao chamado estágio probatório: se não se comportar, não será confirmado na carreira. Não alcançará a estabilidade. Voltará a depender da comunidade açoriana e madeirense. Não obterá financiamento numa concessionária. *Leasing*. Não terá como dar entrada em seu novo carro. Januário, não coloque por terra a sua conquista! Pare, por favor!

— Sobre o que conversávamos antes? Ah, sim. O seu atraso. Enquanto falava ao telefone, bolei até um lema para você: *Não seja otário, Januário! Não suje seu prontuário!* Ahah! Gostou? Eu sou um poeta!

Compenetrado em seu papel, Januário faz a cara mais séria que pode:

— Dr. Linhares, eu não teria me atrasado se não tivesse acontecido uma tragédia. Minha casa ruiu. O andar de cima, bem onde fica a minha biblioteca, estava com excesso de livros e desabou, por pouco não morreu toda minha família.

Dr. Linhares para de rir, arregala seus olhos azuis por trás dos óculos de aro dourado e, com uma expressão de piedade, diz a ele num tom de voz brando:

— Você deveria ter me explicado desde o começo, rapaz. Nesse caso, tudo muda de figura — e, depois de uma pausa, convida-o para tomar o café da garrafa térmica que fica ao lado do relógio de ponto. — Está vendo esse relógio? Quando eu cheguei aqui, há cinco anos, também confiava nele, como você. Mas certa vez, trabalhando além do horário de expediente para colocar o serviço em dia, para me distrair eu liguei o radinho de pilha e, em dado instante, ouvi a abertura do Guarani. Apressei-me a vestir o paletó e

fechar a minha maleta, caso contrário ficaria preso no prédio até o dia seguinte. E qual não foi a minha surpresa quando, ao bater o meu cartão de ponto, conferi a chancela e vi marcado 18:49. Em Brasília, eram dezenove horas, mas não em Tijuco Verde! Desde então, que Dimas de Melo Pimenta me perdoe, nunca mais acreditei nessa engenhoca. Por isso lembre-se, Januário, o limite de tolerância é de três atrasos por mês. E nenhum atraso poderá exceder dez minutos. Há certas coisas que nem mesmo eu, que sou o chefe de tudo o que você vê à sua volta, poderei resolver. *Dura lex, sed lex.*

— Mesmo diante da ruína de minha casa, o senhor não poderia abonar o atraso? Só hoje, Dr. Linhares! Prometo que isso nunca mais se repetirá!

— Não posso *abonar*, Januário. O tempo, o implacável, o que passou, esse é juridicamente inegociável. — Ele enche mais um copinho de café, coloca as gotas de adoçante e, depois de muita reflexão, cede: — Mas eu sou mesmo um sentimental, meu caro. Irei *relevar* o atraso, muito embora seja difícil engolir essa justificção.

— Mas é verdade mesmo, Dr. Linhares. Pode ir lá em casa ver. Quero dizer, pode ir lá onde até ontem era a minha casa...

— Não é preciso, que a casa caiu, eu acredito. Não acredito é que tenha sido por causa de excesso de livros, mesmo tendo você por profissão ser um guarda-livros. Ou, como você prefere dizer, um cientista *atuarial*.

— Atuarial, doutor.

— Exato. Mesmo assim. Fique tranquilo, relevarei o atraso. Afinal, não é todo dia que nossa casa desaba. Mas, para não dizerem que estou favorecendo um funcionário, o Sr. Almir vai lhe passar um serviço extra de castigo. Ei, Sr. Almir, o senhor já terminou aqueles ofícios para a Procuradoria Judicial ajuizar ação de execução fiscal contra os devedores contumazes? Se não, repasse tudo ao Sr. Januário, como punição por haver chegado atrasado hoje.

Januário respira com alívio. Seu atraso foi abonado. Isto é, relevado.